

# economia

## Risco de novas tarifas preocupa empresas gaúchas

Cerca de 70% do valor exportado pelo Rio Grande do Sul aos Estados Unidos estaria sujeito ao novo tarifaço, se confirmado

### / COMÉRCIO EXTERIOR

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

A proposta do governo dos Estados Unidos de aplicar uma nova tarifa adicional de 25% sobre produtos brasileiros reacendeu a preocupação de empresários e especialistas com os impactos para a economia do Rio Grande do Sul. Embora a medida ainda dependa da conclusão de consultas públicas e da decisão final do presidente norte-americano, Donald Trump, o anúncio representa mais um capítulo da escalada de tensões comerciais entre os dois países e pode atingir setores estratégicos da indústria gaúcha.

A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) enxerga a proposta com preocupação. Para a entidade, a medida pode aprofundar as perdas já observadas desde o início da política tarifária adotada pelo governo Trump.

Segundo o gerente de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Fiergs, Luciano D'Andrea, cerca de 70% do valor exportado pelo Rio Grande do Sul aos Estados Unidos estaria sujeito à nova tarifa caso ela entre em vigor.

“Estamos falando de aproximadamente US\$ 1,14 bilhão em

exportações gaúchas potencialmente afetadas. O problema é que deixamos de competir em igualdade de condições com outros países. Hoje todos enfrentam uma tarifa de 10%. Se o Brasil passar a ter uma tarifa de 25%, haverá uma perda significativa de competitividade”, afirma.

Os Estados Unidos são atualmente o terceiro principal destino das exportações gaúchas, atrás apenas da China e da Argentina. Diferentemente do mercado chinês, concentrado em commodities, os norte-americanos absorvem principalmente produtos industrializados e de maior valor agregado.

Para o vice-presidente de Comércio Exterior da Federasul, Rodrigo Velho, a decisão praticamente confirma uma tendência que já vinha sendo observada desde o início da investigação.

“O que vemos é que os Estados Unidos estão protegendo setores dos quais dependem mais diretamente e mantendo a pressão sobre outros segmentos. Produtos como café e algumas commodities ficaram preservados, mas setores importantes para o Rio Grande do Sul, como tabaco e calçados, continuam enfrentando tarifas elevadas”, avalia.

Segundo Velho, a principal preocupação do empresariado é que a dificuldade de acesso ao mercado americano se torne per-

manente. “Já tivemos empresas encerrando linhas de produção voltadas exclusivamente aos Estados Unidos. Se esse impasse não for resolvido, existe o risco de novas reduções de atividade e até fechamento de operações”, alerta.

Ao mesmo tempo, ele acredita que a situação reforça a necessidade de diversificação dos mercados compradores. “O acordo entre Mercosul e União Europeia pode abrir oportunidades importantes. Talvez algumas portas estejam se fechando nos EUA, mas outras podem se abrir no mercado europeu e em economias emergentes da Ásia”, diz.

No setor calçadista, um dos mais expostos ao mercado norte-americano, a repercussão também foi negativa. Em nota, a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) afirmou que a medida cria insegurança tanto para exportadores brasileiros quanto para importadores americanos.

Historicamente, os Estados Unidos são o principal destino dos calçados brasileiros vendidos ao exterior. Mas, apesar da preocupação, a Abicalçados avalia que ainda existe espaço para negociação durante o período de consultas públicas e defende uma atuação coordenada entre governo e setor privado para tentar reverter ou amenizar a medida.

Já para o professor de Rela-



THE SOUTH BASE/DIVULGAÇÃO/JC

Setores como o calçadista dependem fortemente do mercado dos EUA

ções Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) João Jung, os fundamentos econômicos apresentados pelos Estados Unidos não explicam sozinhos a decisão. Na avaliação dele, o movimento possui forte componente político.

“O argumento comercial é frágil. O Brasil tem déficit comercial com os Estados Unidos há anos e não há evidências de práticas que possam ser enquadradas como concorrência desleal pelos critérios da Organização Mundial do Comércio. O que parece ocorrer é uma tentativa de construir justificativas para uma medida que tem natureza essencialmente política”, afirma.

O especialista lembra que a investigação foi aberta em julho

de 2025, em meio às críticas de Trump ao governo brasileiro e ao que o republicano classificou, na época, como uma perseguição ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Jung observa ainda que, diferentemente do tarifaço anterior, que atingiu diversos países, a nova iniciativa tem como alvo específico o Brasil.

“Isso aumenta a preocupação porque estamos entrando em um período pré-eleitoral e existe o risco de um tema que deveria ser tratado como política de Estado acabar sendo contaminado pelo debate político interno”, finaliza.

A expectativa unânime entre os entrevistados é que o governo brasileiro utilize o período de consultas para contestar os argumentos apresentados pelo USTR e buscar uma solução negociada.

## Sobretaxa dos Estados Unidos pode atingir 75% das exportações do agro gaúcho

Claudio Medaglia  
claudiom@jcrs.com.br

A proposta dos Estados Unidos de aplicar uma sobretaxa de 25% sobre parte das importações brasileiras pode atingir diretamente 74,9% das exportações do agronegócio gaúcho destinadas ao mercado norte-americano. O percentual representa US\$ 575 milhões em vendas realizadas em 2025 e é mais que o dobro da exposição observada para o agronegócio brasileiro como um todo, onde 36,8% das exportações aos EUA estariam sujeitas à medida.

Os dados constam em nota técnica divulgada nesta segunda-feira pela Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), que analisou a proposta em discussão no Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR).

Segundo o levantamento, a eventual sobretaxa teria impacto proporcionalmente mais severo sobre o Rio Grande do Sul devido à composição da pauta exportadora do Estado. Enquanto produtos como carne bovina fresca, café em grão, suco de laranja concentrado e fertilizantes aparecem entre os itens excluídos da proposta, setores estratégicos para o agro gaúcho permanecem expostos.

O principal risco está concentrado na cadeia do tabaco. O fumo não manufaturado do tipo Virginia lidera a lista de produtos gaúchos potencialmente afetados, com exportações de US\$ 122 milhões aos Estados Unidos em 2025. Na sequência aparecem a madeira serrada de pinus (US\$ 81 milhões), os calçados de couro (US\$ 62 milhões), o fumo Burley (US\$ 49 milhões) e o sebo bovino (US\$ 33 milhões).

De acordo com a Farsul, o setor de fumo e seus derivados responde por aproximadamente 31% do valor das exportações do agronegócio gaúcho incluídas na proposta tarifária, evidenciando a elevada concentração do risco em poucos segmentos.

“Aqui no Rio Grande do Sul há impactos bastante relevantes sobre o fumo, o tabaco, as madeiras – especialmente a madeira serrada –, os calçados de couro, que utilizam uma matéria-prima importante da agropecuária, e também o sebo bovino”, resume Renan Hein dos Santos, assessor de Relações Internacionais da Farsul. “Há impactos importantes, e eles são proporcionalmente maiores para o agronegócio gaúcho do que para o agronegócio brasileiro como um todo”, complementa.

O SindiTabaco manifestou preocupação com os impactos di-

retos sobre a competitividade do tabaco brasileiro no mercado norte-americano, “destino relevante” para as exportações do setor. A entidade afirma que medidas tarifárias dessa natureza afetam contratos, planejamento industrial e a renda de milhares de produtores.

“Historicamente, esse mercado representa em torno de 9% dos embarques de tabaco. Em 2025, as exportações do setor acabaram sendo impactadas devido ao cenário controverso das sobretaxas anunciadas pelo governo de Donald Trump. No acumulado do ano, segundo dados do MDIC/Secex, os EUA embarcaram US\$ 195,3 milhões, uma redução de 23,4% em comparação com 2024, quando foram exportados US\$ 255 milhões de tabaco brasileiro”, observa o SindiTabaco no texto enviado à reportagem.

A nota da Farsul também des-

taca a relevância dos produtos florestais para o comércio entre o Estado e os Estados Unidos. Madeira serrada, compensados, obras de carpintaria e outros derivados aparecem entre os itens sem previsão de exclusão na proposta norte-americana.

No conjunto da economia gaúcha, 81,1% das exportações destinadas aos Estados Unidos estariam potencialmente sujeitas à sobretaxa. O percentual supera com folga a média brasileira, de 43,7%, reforçando a maior vulnerabilidade do Estado às mudanças na política comercial americana.

A Farsul estima que a incidência da tarifa sobre os produtos incluídos na proposta representaria um impacto potencial de US\$ 144 milhões sobre as exportações do agronegócio gaúcho e de US\$ 334 milhões sobre as exportações totais do Rio Grande do Sul.